

ARQUEOLOGIA, DO IMPERIALISMO À INCLUSÃO SOCIAL

ARCHAEOLOGY, FROM AN IMPERIALIST ENDEAVOR TO AN INCLUSIVE PRACTICE

Pedro Paulo Funari

*Professor Titular,
Departamento de História,
coordenador do Núcleo
de Estudos e Pesquisas
Ambientais (NEPAM) e do
Laboratório de Arqueologia
Pública (LAP) - UNICAMP.
E-mail: ppfunari@uol.com.br*

Glória Tega

*Mestre em Divulgação
Científica e Cultural
(UNICAMP), colaboradora do
Laboratório de Arqueologia
Pública (LAP/UNICAMP).*

RESUMO

O presente artigo traz, num primeiro momento, um breve histórico da Arqueologia no que diz respeito a seu surgimento no imperialismo e nacionalismo, nos séculos XVIII e XIX. Perdurando nesse modelo até meados do século XX, a Arqueologia começou a voltar-se para a teoria social e para a interação com a sociedade. Simbolicamente, essa grande virada pode ser considerada a fundação do Congresso Mundial de Arqueologia, em 1986. A partir de então, a Arqueologia passou a preocupar-se em chegar às pessoas e em fazer com que elas participem da sua prática. Diante disso, passou a ser indispensável à Arqueologia a interação com outras áreas do conhecimento, como o jornalismo. Assim, no segundo momento deste artigo, trataremos de um projeto que envolveu profissionais de diversas áreas, com o objetivo que promover a interação da ciência com a sociedade, por meio do intercâmbio de teorias do Jornalismo, da Divulgação Científica e da Arqueologia.

Palavras-chave: Arqueologia Pública. Jornalismo. Divulgação Científica.

ABSTRACT

The paper starts by briefly discussing the history of archaeology from its imperialist and nationalist beginnings in the 18th and 19th c. From the mid-20th c. the discipline went into closer relationship with social theory and with society at large. This move has may be associated to the creation of the World Archaeological Congress in 1986. Since then archaeology has increasingly paid attention to interaction with people and to include them in archaeological practice. It has thus been key to the discipline the interaction with other disciplines, notably journalism. The paper then describes an on-going project including professional from different areas, aiming at putting science and society in contact, particularly discussing the how journalism, science popularization and archaeology may interact in

Keywords: Public archaeology. Journalism. Science popularization.

A Arqueologia é uma disciplina acadêmica das mais precoces. As ciências surgiram com o Iluminismo, no século XVIII, e sua busca de um conhecimento racional, experimental e distante dos ditames seculares da fé que limitavam a busca da verdade. O grande herói foi, nestes momentos iniciais da ciência, Galileu Galilei (1564 – 1642), precursor do livre-pensamento, baseado na razão e na observação e sem aceitar dogmas impostos pelo argumento da autoridade. Neste aspecto, Galileu usava a contrapelo um mestre da Igreja contra a própria instituição que o perseguia, pois fora São Tomás de Aquino a dizer que o “argumento de autoridade é sempre o mais fraco” (Q. 1, 8). Os iluministas desconfiavam da fogueira que queimara Giordano Bruno e ameaçava Galileu e propugnavam um novo mundo de conhecimento livre de injunções de um poder temporal e espiritual como eram as Igrejas Católica e Protestantes. Surgia, assim, a ciência como conhecimento objetivo do mundo, livre das injunções do poder religioso, denominado como *scientia* (o que se pode saber, nos idiomas de derivação latina) ou *Wissenschaft* (o que se pode saber, em alemão).

A Universidade, essa criação do Medievo tardio, por séculos a serviço da fé, passou por uma revolução epistemológica e nas relações de poder no seu interior. Seu antigo nome, *universitasstudiorum* (o conjunto dos estudos), que indicava um conhecimento sem partilhas, a serviço de Deus, foi mantido, mas com um sentido em tudo novo: em lugar da antiga unidade, surgiam as disciplinas especializadas e que fundam a moderna universidade que está conosco hoje. Em lugar de tudo saber, *ad maiorem gloriam dei*, para a maior glória de Deus, como formularam os jesuítas, passou a almejar-se saber curar as pessoas, na Medicina, construir pontes e edifícios, na Engenharia e assim por diante. No lugar das antigas gramática e retórica, surgia a Filologia, que iria propor um estudo neutro, científico e objetivo dos idiomas. Sem isso, não surgiria, no início do século XIX, a História, pois esta dependeu, desde cedo, do conhecimento dos documentos escritos e do conhecimento filológico da sintaxe e do vocabulário. A Arqueologia foi filha direta da Filologia e da História, tanto por tratar também do passado, por meio das coisas, como por usar o método de classificação tipológica desenvolvido pela Filologia.

Essas disciplinas não surgiam, contudo, apenas por um movimento intelectual, o Iluminismo, infenso às Igrejas e aos dogmas, mas por transformações sociais, econômicas, políticas e culturais profundas. A industrialização inicial levava à vida urbana, à expropriação camponesa e à criação de proprietários industriais e proletários, tudo isso composto em um ambiente de desafio ao antigo regime de matriz feudal e em benefício da república burguesa. Surgiam duas novas configurações sociais de máxima importância e ainda hoje na ordem do dia: o nacionalismo e o imperialismo. Antes disso, não havia nação, senão súditos de um rei. O nacionalismo virá a criar uma unidade de cultura, território e origens biológicas onde antes nada havia. Os franceses deixarão de ser apenas os súditos do rei de França, sem nada compartilhar senão essa condição estabelecida por direito divino, para terem que compartilhar um território delimitado (o hexágono), uma origem comum (os gauleses) e

uma língua (o francês, que antes era falado só por uns poucos ao norte do reino). Além disso, nos países que iniciaram essa revolução nacionalista, o imperialismo, como busca pelo domínio do outro, foi a consequência imediata, como atesta Napoleão, herdeiro da revolução francesa de 1789 e conquistador de meio mundo, autodenominado libertador dos povos ainda subjugados pelo feudalismo.

A Arqueologia foi filha dileta do nacionalismo e do imperialismo e Napoleão o demonstra de forma clara. O imperador francês não só conquistou o mundo, como levou os tesouros culturais de diversos lugares, da Itália ao Egito, para Paris, de modo a mostrar a superioridade do novo estado nacional francês e dar à França o status de lúdima herdeira das mais antigas civilizações. A Arqueologia surgia, portanto, como parte do esforço para mostrar que o estado nacional era antigo em seu solo e pretendia abranger outras grandes culturas do passado. Por isso mesmo, a Arqueologia surgiu como atividade militar, masculina, imperialista e aventureira. Isso estava claro já com Napoleão no Egito, em fins do século XVIII, mas acentuou-se muito no século XIX. Heinrich Schliemann (1822-1890) pode ser considerado a epítome desses atributos que ligam, de maneira indelével, a Arqueologia à aventura militar, mas outros tantos podem ser mencionados, como Pitt Rivers (1827 – 1900), Leonard Wooley (1880 – 1952), Sir Flinders Petrie (1853 - 1942), Lawrence da Arábia (1888-1935), e Mortimer Wheeler (1890 – 1976), aventureiros, militares, nacionalistas e imperialistas.

A Arqueologia continuou essa trajetória nacionalista e imperialista, nas décadas iniciais do século XX, ainda que mitigada por novos influxos. De todo modo, nacionalismo e imperialismo caracterizaram as décadas que levaram tanto à Primeira (1914-1918), como à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a Arqueologia seguiu a reboque, a serviço, por exemplo, do nazismo e da sua política de extermínio. Isso mudou, em particular, a partir da luta contra o nazi-fascismo e com o pós-guerra, a descolonização e os movimentos pelos direitos civis, feministas e sociais em muitos lugares. A Arqueologia passou por um influxo humanista relevante que iria alterar a disciplina de forma decisiva. O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1908 – 2009) publicaria em 1952 um estudo, por encomenda da Unesco, contra o racismo, assim como Paul Rivet (1876 – 1958) propugnava o valor cultural de todos os seres humanos, algo que, entre nós brasileiros logo veio a ser defendido por Paulo Duarte (1899 – 1984). Mesmo assim, a Arqueologia titubeava, queria fugir da instrumentalização política à qual se tinha submetido, mas, para isso, num primeiro momento, no início da década de 1960, buscou refúgio na noção iluminista de ciência neutra e afastada da matilha política. Esse movimento era conhecido, à época, como *New Archaeology* (Nova Arqueologia). Os conflitos sociais intestinos, a luta contra o imperialismo, e as novas demandas sociais e políticas vieram a questionar essa saída pelo isolamento social em meados da década seguinte.

Sob o influxo das transformações sociais e das considerações das Ciências Humanas e Sociais, em sua efervescência contra as certezas e imutabilidades, a Arqueologia voltou-se para a teoria social e para a interação com a sociedade. A grande virada, ao menos em termos

simbólicos, pode ser considerada a fundação do Congresso Mundial de Arqueologia, em 1986, quando surgiu uma organização que buscava congregar arqueólogos de países ricos e pobres, assim como estudiosos de outras disciplinas interessadas no tema e, mais que tudo, os indígenas e os povos estudados pela Arqueologia, com assento nos órgãos dirigentes e nos congressos, com os mesmos direitos e deveres. Essa revolução foi tanto epistemológica como sócio-política e está com a disciplina até hoje. A Arqueologia não mais feita por militares imperialistas por sobre cadáveres indígenas, mas por nativos em colaboração com as pessoas para valorizar os indígenas e os perseguidos. A Arqueologia passou a preocupar-se em chegar às pessoas e em fazer com que elas participem da sua prática. Arqueologia social, política ou engajada, todas essas perspectivas passaram a incluir as pessoas nas considerações da disciplina. Não por acaso, a interação com o jornalismo, nesse aspecto, foi decisivo. Peter Ucko (1938 – 2007), fundador do *World Archaeological Congress*, seguiu os passos de seus predecessores que se preocuparam, em outras circunstâncias, em popularizar a Arqueologia, como Leonard Wooley, Vere Gordon Childe (1892-1957) e Mortimer Wheeler, e aliou-se a jornalistas renomados, como David Keys e, mais que tudo, Neal Ascherson (n. 1932) para levar a disciplina para o centro do debate social sobre a participação das pessoas na interpretação e gestão do passado material. Ascherson fora o responsável por duas das séries de documentários mais importantes do século XX: *The World at War*, 1973-74 (no Brasil, “Mundo em Guerra”, êxito absoluto na Rede Globo à época, com narração de Walmor Chagas) e *The Cold War* (1998, CNN). Logo nasequência, Ucko e Ascherson fundaram a revista *Public Archaeology*, em 1999, com um *editorial board* de todas as partes do mundo: Dr. George Abungu (Heritage Planning and Museums, Kenya); Bjarne Gronnow (National Museum, Denmark); Professor Cornelius Holtorf, Associate Editor (Linnaeus University, Kalmar, Sweden); Dr. Aron Mazel (University of Newcastle, UK); Dr. Gustavo Politis (Museo de la Plata, Argentina); Professor Pedro Paulo Funari (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Brazil); Professor Susan Keech McIntosh (Rice University, Texas, USA); Dr. Nicholas Merriman (University of Manchester, UK); Patrick O’Keefe (Heritage Consultant, Australia); Katsuyuki Okamura (Osaka City Cultural Properties, Japan); Dr. Helga Seeden (American University of Beirut, Lebanon); Dr. Roland Silva (Sri Lanka); Dr. Ulrike Sommer (Institute of Archaeology, University College London, UK); Professor Peter Stone (University of Newcastle, UK); Jussi-Pekka Taavitsainen (University of Turku, Finland); Dr. Luke Taylor (AIATSIS, Australia); Professor Francis McManamon (National Park Service, USA). Consubstanciava-se o conceito de Arqueologia Pública: a prática e a teoria da disciplina, voltada para e com as pessoas, preocupada com a divulgação, em estreita colaboração com o jornalismo.

Nesse sentido, projetos de divulgação da Arqueologia vêm sendo desenvolvidos no Brasil baseados em parcerias entre divulgadores científicos, jornalistas e arqueólogos. Como exemplo, apresentamos, a seguir, o projeto “Arqueologia: as histórias presentes em nossas vidas¹”.

“Arqueologia: as histórias presentes em nossas vidas”

O projeto está no contexto das atividades do Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte (LAP/Nepam/Unicamp) e tem financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e foi iniciado em janeiro de 2014. O projeto visa a promover o diálogo entre Arqueologia Pública e Divulgação Científica, em especial a divulgação da Arqueologia para o público infantil, por meio de um livro e oficinas realizadas durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2014, evento do Ministério da Ciência e Tecnologia. O projeto é de abrangência nacional, voltado, em particular, para as regiões no entorno das Universidades envolvidas: Campinas (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), sul de Minas Gerais (Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL) e fronteira meridional do Rio Grande do Sul (Universidade Federal de Pelotas - UFPel).

A Divulgação Científica será mediadora do conhecimento a ser veiculado ao público alvo. A ciência arqueológica ainda é pouco conhecida das pessoas e mesmo entre os mais diferentes públicos ela costuma confundir-se com outras, como a Paleontologia ou a Geologia. O linguista Carlos Vogt, em “A Espiral da Cultura Científica”, defende a divulgação científica como caminho para a “conquista” da ciência e tecnologia:

“Como é possível realizar essa conquista sem estar envolvido diretamente no processo de produção, de difusão ou de ensino e aprendizagem da ciência? A resposta é “Pela divulgação científica”, isto é, pela participação ativa do cidadão nesse amplo e dinâmico processo cultural em que a ciência e a tecnologia entram cada vez mais em nosso cotidiano, da mesma forma que a ficção, a poesia e arte fazem parte do imaginário social e simbólico de nossa realidade e de nossos sonhos, multiplicando em nossa existência única, e provisória, a infinitude de vidas e vivências que vivemos sem jamais tê-las vivido” (VOGT, 2003).

Dessa maneira, o projeto procura produzir um material de Divulgação Científica, a partir dos conceitos centrais da Arqueologia e com exemplos concretos resultantes da atuação do Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica, sediado na Unicamp e cadastrado no CNPq (<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=00797052GGCAOO>) e do Laboratório de Arqueologia Pública “Paulo Duarte”, do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais – NEPAM (<http://www.nepam.unicamp.br/nepam/lap/>), criado em 2007.

A proposta deste projeto é aproximar o conhecimento científico, gerado pela Arqueologia Pública, e proporcionar uma articulação com as bases da Divulgação Científica. Não se almeja atribuir ao público alvo um conhecimento enciclopédico sobre quais são seus patrimônios, datas de fundação, autores, características físicas, entre outros dados. Ao contrário, este projeto objetiva, de forma democrática e participativa, fomentar a interação entre os agentes sociais e os estudiosos, para refletir e agir em relação aos patrimônios.

A equipe é constituída de profissionais oriundos de diversas áreas que possuem experiência, em particular, com conceitos arqueológicos e com a divulgação científica, na forma de livros, cartilhas, filmes, documentários e outros materiais e com trajetória e a atividades acadêmicas ligadas às duas vertentes: arqueológica e de divulgação.

Essas interações devem ser constituídas para “permitir a realização de conexões entre a vida cotidiana das pessoas com o processo histórico relatado. Devem providenciar instrumentos para a reflexão” (VARGAS; SANOJA, 1990, p.53). Assim, cada grupo social torna-se capaz de atribuir significados ao próprio patrimônio e ao bem público como um todo. Têm-se um cidadão crítico pronto para refletir sobre questões como a preservação dos patrimônios e, também, sobre a transformação - tanto de seu entorno, como da sociedade - e ainda a compreensão desta área de conhecimento.

Assim, o projeto está alicerçado em duas ações:

- Confecção de um livro de 32 páginas sobre Arqueologia para crianças de faixa etária de 6 a 10 anos, com tiragem de quatro mil exemplares e que será distribuído de forma gratuita a crianças participantes de oficinas realizadas durante todo o ano pelo Laboratório de Arqueologia Pública da Unicamp e pelas instituições federais participantes, em especial a Universidade Federal de Alfenas e seu Museu e a Universidade Federal de Pelotas e seu laboratório Lâmina, além de distribuição gratuita a visitantes do Laboratório de Arqueologia Pública da Unicamp;

- Realização, em caráter especial, de cinco oficinas com crianças da rede pública da cidade de Campinas/SP, Alfenas/MG e Pelotas/RS durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia de 2014, entre os dias 13 e 19 de outubro.

O livro

Trata-se de um livro sobre Arqueologia para o público infantil, pelo qual se buscará apresentar o conhecimento arqueológico de uma maneira inovadora, usando-se de desenhos produzidos pelos colaboradores do Laboratório de Arqueologia Pública da Unicamp. O conteúdo do livro foi elaborado em conjunto com a doutora Raquel dos Santos Funari, especialista em divulgação científica, e, a título de elucidação do conteúdo que será publicado, se reproduz a seguir os títulos página a página:

- **Página 1-** Um convite

Este livro é um convite à Arqueologia, para mostrar como ela pode ser uma atividade muito divertida, cheia de mistérios, mas também de descobertas. Nesta caminhada, você descobrirá que todo mundo pode ser um arqueólogo, inclusive você!

- **Página 2-** O que é Arqueologia, afinal?

- **Página 3-** Como trabalha o arqueólogo?

- **Página 4-** Sítios e mais sítios arqueológicos
- **Página 5-** Do campo ao laboratório
- **Página 6-** Do laboratório ao museu
- **Página 7-** O ser humano mais antigo do Brasil
- **Página 8-** Os primeiros habitantes: quando?
- **Página 9-** Os bichos gigantes
- **Página 10 -** As mais belas pinturas de todos os tempos
- **Página 11-** As pedras também falam
- **Página 12 -** E os cacos?
- **Página 13-** Como chegar de cacos a vasos inteiros
- **Página 14-** Os metais
- **Página 15-** Os museus - Se você encontrar alguma coisa antiga, o que deve fazer?
- **Página 16-** Os quilombos também foram importantes
- **Página 17-** A Arqueologia dos tempos recentes
- **Página 18-** Os tempos sombrios
- **Página 19-** Onde estudar a Arqueologia?
- **Página 20-** É possível ganhar a vida com a Arqueologia?
- **Página 21-** Como participar de uma atividade de campo
- **Página 22-** O que mais atraiu você para a Arqueologia?
- **Página 23-** Alguns heróis
- **Página 24-** Daqui para frente

Os desenhos foram nesse livro compreendidos como texto, como sugere Orlandi (2008), e nesse sentido, acabam sendo uma extensão da mensagem escrita, não só ilustrando o texto escrito, mas, na maioria das vezes complementando-o e sugerindo conexões com outros assuntos que poderão ser explorados pela criança, criando, dessa maneira, um interesse por informações que vão além do conteúdo do livro. Os desenhos foram, assim, criteriosos e estrategicamente escolhidos para que as pessoas façam conexões entre eles e fatos mais próximos da sua vida. Isso porque quando olhamos uma imagem, vemos muito mais do que está ali impresso. Nossa memória é ativada, sem que percebamos, e uma gama de interdiscursos aparece para que ela seja interpretada, pois “há sempre exterioridade constitutiva: o interdiscurso, a memória, um ‘já dito’ anterior e exterior à existência de qualquer dizer”

(ORLANDI, 2007, p.138). Desse modo, o que será procurado por meio das imagens é fazer com que os leitores resgatassem discursos que já faziam sentido para compreender um, suposto, novo discurso, qual seja Arqueologia e patrimônio.

Sendo assim, os colaboradores do LAP, Tami Coelho Ocar – *Mestranda em História Cultural pelo IFCH/Unicamp* – e Rafael HakimPatiri - *Graduando em História pelo IFCH/Unicamp*, elaboraram as ilustrações da publicação, que estão algumas delas, mesmo que sem a coloração e a edição final, reproduzidas a seguir, na figura 1:



Figura 1:

Desenhos do livro

Fonte: Tami Coelho
Ocar e Rafael
HakimPatiri

As oficinas

O Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte (LAP) entende a Arqueologia Pública como um campo político que busca favorecer a interação entre estudiosos e as

pessoas. Em termos epistemológicos, parte-se do pressuposto, já presente no educador Paulo Freire, que o conhecimento é o resultado da interação entre educadores e educandos, entre estudiosos e as pessoas comuns, como também propôs o sociólogo Florestan Fernandes (FUNARI, 2000).

Esses diálogos não se restringem às reflexões sobre práticas arqueológicas. Ampliam-se para as interfaces entre a Arqueologia e a sociedade como um todo, abarcando temas como ambiente, memória, patrimônio, usos e construções do passado, direitos humanos, entre muitos outros que são trabalhados em projetos desenvolvidos no Laboratório.

Buscando enriquecer essas discussões, o LAP desenvolve atividades de práticas de laboratório, palestras e oficinas com professores brasileiros e estrangeiros, publicações de livros e atividades com a comunidade.

O Projeto “LAP com as escolas”, iniciado no segundo semestre de 2012, tem como objetivo, por meio de conversas, palestras e exposições sobre a Arqueologia, criar diálogos entre o laboratório e os estudantes e professores de escolas públicas e privadas do Brasil. A partir de junho de 2014, o projeto tem contado com apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Unicamp e é desenvolvido de duas formas:

- 1) Com a ida da equipe do LAP às escolas, onde são ministradas palestras e exposições com parte do acervo que está sob a guarda do laboratório;
- 2) Com a vinda dos estudantes à Unicamp, onde é realizado um bate-papo sobre a “Arqueologia no Brasil”, e uma visita monitorada ao laboratório. As atividades e encontros são realizados mediante contato prévio de professores e coordenadores pedagógicos com a equipe do LAP, e, os temas das palestras e exposições podem variar de acordo com a demanda e interesse dos estudantes.

O modelo escolhido para esse projeto será o primeiro, pois, com as visitas às escolas, será possível contemplar um número maior de alunos. No caso de Campinas, já estão definidas cinco oficinas, sendo que o número total de estudantes contemplados será de 150.

Dessa maneira, dialogando com os campos da Arqueologia Pública e Divulgação Científica, pretende-se levar o conhecimento produzido no âmbito da Arqueologia dentro da universidade para o público externo a ela. Com a premissa de que todas as pessoas são detentoras de conhecimentos válidos, e que esses saberes podem variar de acordo com a trajetória de vida de cada um dos indivíduos, possuindo igual importância, o projeto procura aproximar os estudantes e professores do ensino básico ao mundo da Arqueologia. As oficinas serão divididas em dois momentos: uma palestra de 30 a 50 minutos sobre “Arqueologia”, e, em seguida, a apresentação de exposições temáticas. De maneira geral, os assuntos abordados nas oficinas apresentam uma ideia diferente e menos estereotipada daquela que a grande mídia, algumas vezes, retrata como sendo a prática arqueológica (TEGA, 2012); o

que são documentos históricos e vestígios arqueológicos e identificar sua importância para a construção de explicações históricas; como os arqueólogos pesquisam e quais são as etapas do trabalho arqueológico; pesquisas e atividades desenvolvidas atualmente pelo LAP/NEPAM/Unicamp. Além disso, o intuito será também de sugerir uma reflexão acerca da importância da Arqueologia para a sociedade atual, e de que forma os estudos arqueológicos podem ser feitos com materiais mais recentes e das práticas e metodologias em Arqueologia Pública e como essa pode ser aplicada em comunidades escolares.

Para *apresentação de uma ideia diferente e menos estereotipada da Arqueologia* serão ministradas conversas de 30 a 50 minutos com os estudantes e professores acerca do que é e o que estuda a Arqueologia; como se tornar arqueólogo no Brasil; quais são os objetos de estudo da disciplina; o que tem sido pesquisado no Brasil; e quais os trabalhos realizados em laboratórios de arqueologia como o LAP. Com o intuito de *apresentar o que são documentos históricos e vestígios arqueológicos* serão apresentadas exposições temáticas das quais o foco será o entendimento de determinados momentos da história da humanidade a partir daquilo que foi produzido ou modificado pelo homem. Assim, mais do que explicar, procurar-se-á questionar o objeto e suas possíveis interpretações. Nesse interim, ao apresentar o percurso que o objeto percorreu desde quando saiu de campo até ser inserido na exposição, serão discutidos os *locais e etapas de trabalho do arqueólogo*, demonstrando que pesquisas arqueológicas podem ser realizadas em espaços como florestas, mares, rios, e até mesmo, no meio urbano. Por fim, pretende-se destacar o lado político das pesquisas arqueológicas, procurando refletir com os estudantes a *importância da Arqueologia para a sociedade atual*, e como essa não é uma disciplina neutra, mas que está ligada às questões políticas, religiosas, culturais, sociais e econômicas dos locais onde é desenvolvida.

Com o intuito da realização de pesquisas acadêmicas e futuros projetos de iniciação científica, mestrado e doutorado no campo da Arqueologia Pública, para além das interações empreendidas com as comunidades escolares, o projeto tem a preocupação de ser uma pesquisa de campo no âmbito de uma arqueologia voltada para a sociedade. Assim, as atividades desenvolvidas junto ao público escolar serão avaliadas com o objetivo de estudar algumas das práticas e metodologias em Arqueologia Pública. Por meio de questionários, gráficos e análise das atividades desenvolvidas procurar-se-á produzir artigos acadêmicos e textos de divulgação que atuem na defesa da construção de conhecimentos junto às comunidades.

Este projeto apoiado pelo CNPq e pela PREAC/Unicamp mostra, portanto, como a Arqueologia, de prática imperialista, pode aproximar-se das pessoas, em benefício mútuo, tanto das comunidades, como dos estudiosos e acadêmicos (Delmondes et alii 2013). Isso não seria possível sem as mudanças sociais das últimas décadas, da Arqueologia mundial, mas também do contexto brasileiro, que tem favorecido maior inclusão social. Ainda que seja um processo longo e cheio de percalços, o caminho em direção à interação entre ciência e sociedade tem se mostrado fértil e produtivo.

Agradecimentos

Agradecemos a Mario Sanoja e Iraida Vargas, assim como aos colegas que participam do projeto em curso: Vera R. Toledo Camargo, Raquel dos Santos Funari, Tami Coelho Ocar e Rafael Hakim Patiri. Mencionamos, ainda, os apoios institucionais do CNPq, do Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte (LAP/Nepam/Unicamp) e do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor Unicamp). A responsabilidade pelas ideias restringe-se aos autores.

Referências

- DELMONDES, C. et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. **Ciência e Cultura**, v. 65, p. 48, 2013.
- FUNARI, P. P. A. Archaeology, education and Brazilian identity. **Antiquity** (Cambridge), Oxford, v. 74, p. 182-185, 2000.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 7.ed. Campinas: Pontes, 2007.
- _____. **Discurso e texto**: formulação e circulação de sentidos. 3 ed. Campinas: Pontes, 2008.
- TEGA, G. M. V. Arqueologia no Brasil e o panorama atual: os números de 11 anos de divulgação na Folha de S. Paulo. **Revista de Arqueologia Pública**, v. 5, p. 14-27, 2012.
- VARGAS, I.; SANOJA, M. Education and the political manipulation of History in Venezuela. In MackENZIE, R.; STONE, P. (eds.). **The excluded past**. London: Unwin, 1990. p. 50-60.
- VOGT, Carlos. A espiral da cultura científica. **Revista ComCiência**, 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

Notas

- [1] Projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Edital MCTI/CNPq/SECIS (Nº 90/2013).